



atarde.com.br/cultura



MÚSICA CACHOEIRA ABRIGA O AGOSTO DO BLUES NESTE SÁBADO E DOMINGO, COM RESTGATE BLUES (FOTO) MAIS 4 ATRAÇÕES 4

JULY NATANAEL COUTO (SORVETES REAL) HOMENAGEADO PELA FECOMÉRCIO 2

ENTREVISTA João José Reis

A SITUAÇÃO FICOU TÃO CAÓTICA QUE A IMPRENSA CHEGOU A ROTULAR O MOVIMENTO DE "REVOLUÇÃO DOS GANHADÓRES"

EDUARDA UZÉDA

O historiador baiano João José Reis, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, lança amanhã (23), a partir das 18h30, o livro *Ganhadores: A Greve Negra de 1857 na Bahia*, com sessão de autógrafos no Museu de Arte da Bahia (MAB).

Referência nos estudos sobre a escravidão, mestre e doutor pela Universidade de Minnesota (EUA), o pesquisador publicou, entre outros, *A morte é uma festa* (prêmio Jabuti na categoria ensaio), o icônico *A História do Levante dos Malês em 1835*, além de *Domingos Sodré, um sacerdote africano*.

Professor visitante das universidades de Harvard, Princeton e Texas, entre outras, Reis ganhou em 2017 da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra.

Em entrevista ao Caderno 2+ de A TARDE, o professor fala da sua nova obra, dos desafios da pesquisa e do seu próximo projeto.

No livro *Ganhadores*, o senhor reconstitui a história dos negros de ganho, ou ganhadores, protagonistas de uma greve que paralisou o transporte na capital baiana durante vários dias em 1857. Como surgiu a ideia de escrever sobre este tema?

A ideia me foi dada pela descoberta de notícias no *Jornal da Bahia* de 1857 sobre a paralisação dos ganhadores, que eram quase todos africanos. O jornal estava na Biblioteca Pública do Estado, não sei se ainda existe, dado o desprezo pela preservação da memória histórica entre nós. A dica sobre o movimento me foi passada por uma pesquisadora dos Estados Unidos que sabia do meu interesse por movimentos de resistência negra, pois eu já havia publicado um livro sobre a Revolta dos Malês. Ou seja, o incentivo inicial da pesquisa decorreu de uma gentileza entre pesquisadores, algo comum entre nós, que trocamos documentos uns com os outros frequentemente. Aquela informação me veio há muito tempo, lá pelo final da década de 1980. Alguns anos depois,

publiquei um artigo sobre o tema. Desde aquele artigo, a greve ficou conhecida, inclusive por militantes de movimentos negros e sindicalistas. Mas eu continuei pesquisando sobre o assunto, que cresceu e deu neste livro, mas só depois de, no meio do caminho, publicar outros livros.

E qual a razão da greve?

Pararam para protestar contra uma postura (lei municipal) que estabelecia um imposto e medidas de controle e vigilância policiais para todos os ganhadores africanos, fossem escravizados ou libertos. Tratava-se de mais uma legislação anti-africana, como outras concebidas desde a Revolta dos Malês, em 1835, com o objetivo de vigiar e humilhar os negros mais do que já o eram. Muitas dessas medidas tinham um caráter fiscal, tributário, que atingia apenas os nascidos na África. Os libertos (ex-escravos) africanos, por exemplo, pagavam desde 1835 um imposto específico, se quisessem continuar morando em Salvador. Era uma pressão para que eles retornassem à África.

Quem eram, na verdade, os ganhadores? A lei diferenciava o trabalho do homem e da mulher?

Ganhadores eram, neste caso específico, os carregadores de carga e passageiro. Somente homens, portan-

to. Podia ser carga pesada ou leve, e havia os carregadores de pessoas em cadeiras de arnuar, uma ocupação típica da subordinação negra na cidade escravista. As cargas pesadas eram transportadas por vários ganhadores, chamados canqueiros. As mais leves eram carregadas pelos chamados ganhadores de cesto, e ainda havia os aquadeiros. As ganhadeiras não trabalhavam no setor de transporte, as que labutavam nas ruas eram pequenas comerciantes, que na sua maioria vendiam seus produtos em gamelas ou tabuleiros. Elas controlavam a maior parte do negócio ambulante e pagavam impostos altos para obter licença para tal. Em geral ganhavam mais do que os ganhadores. Para efeito tributário, não eram misturadas com ganhadores. Mantinham relações com eles nas ruas, umas frequentavam os pontos de trabalho dos outros, e elas apoiaram os grevistas. No livro, a presença das ganhadeiras não é pequena nos primeiros capítulos, sobretudo na parte em que discuto suas disputas com os fiscais da câmara (ainda não existia prefeitura) e a burocracia tributária do governo provincial.

movimento causou para a cidade?

A cidade praticamente parou, porque os ganhadores eram responsáveis pela maior parte do transporte de cargas e passageiros. As mercadorias empilharam no porto, os brancos não mais tinham cadeiras para levá-los de um lugar para outro, inclusive para subir e descer as ladeiras íngremes que ligavam a Cidade Baixa à Cidade Alta. Ainda não existia a ladeira da Montanha nem o elevador Lacerda. A Associação Comercial, que reunia os grandes negociantes prejudicados pela greve, diagnosticou como gravíssima a situação e pressionou o governo a casar a postura da Câmara Municipal. Foi um Deus nos acuda. O movimento demonstrou a dependência profunda que tinha a cidade dos ganhadores africanos para funcionar. Salvador ficou desabastecida de víveres e água, as lojas e armazéns não tinham como renovar seus estoques. A situação ficou tão caótica que a imprensa chegou a rotular o movimento de "revolução dos ganhadores".

Este movimento grevista guarda particularidades com as greves atuais? O senhor poderia falar sobre isso?

Imagine todos os meios de

transporte parando em Salvador. Greve dos motoristas de ônibus, de caminhões de entrega, de táxis e de carros da Uber. Não aconteceu nada dessa ordem em Salvador em tempos mais recentes. E foram cerca de dez dias de paralisação.

Toda pesquisa tem suas particularidades específicas. Para escrever esta obra, quais foram os seus maiores desafios?

O principal obstáculo foi a

falta de fontes de informação sobre o andamento da greve especificamente. A única fonte encontrada foram as notícias na imprensa local e carioca e um ou outro registro policial de conflito entre grevistas e fura-greves, já no final do movimento, bem como sobre a desobediência dos ganhadores em usar uma chapa de metal com o número de registro na câmara pendurada no pescoço, uma nova forma de controle que os africanos rejeitaram com muita veemência. Devido a que o governo desconhecia como tratar um movimento tão surpreendente, inédito mesmo, não havia protocolo legal para reprimir, investigar e punir, o que, se tivesse havido, teria fornecido mais detalhes da paralisação, seus líderes, suas queixas etc. Foi de fato um desafio metodológico escrever um livro sobre episódio tão carente de documentação específica.

Podem adiantar algum novo projeto?

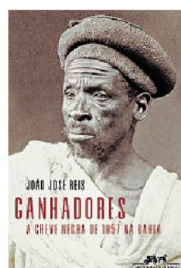
Sim, estou escrevendo a biografia de um negociante africano muito rico, proprietário de imóveis e escravos, que viveu na Bahia como escravizado e depois libertado no século XIX. A pesquisa está bastante avançada e a escrita a meio caminho, eu diria.

Salvador ficou desabastecida de víveres e água, as lojas e armazéns não tinham como renovar seus estoques

O movimento demonstrou a dependência profunda que tinha a cidade dos ganhadores (...)

GANHADORES: A GREVE NEGRA DE 1857 NA BAHIA / JOÃO JOSÉ REIS

Companhia das Letras / 456 págs / R\$ 99,90 / www.companhiadasletras.com.br



Que tipo de consequência este